

A produção do sujeito-velho como empresário de si: cadernos de saúde fabricando modos de vida

The production of the elderly subject as businessman of himself: health notebooks manufacturing ways of living

Patricia Haertel Giusti
Paula Corrêa Henning

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar a articulação entre os saberes produzidos para os velhos, os jogos de força que entram em operação para garantia de um envelhecimento melhor e a subjetivação desses indivíduos. O *corpus* discursivo é composto por enunciações sobre velhice presentes na mídia impressa e foi analisado a partir do referencial foucaultiano. Percebe-se o atravessamento dos dispositivos disciplinares, de segurança e de controle, na fabricação de um sujeito-velho empresário de si mesmo.

Palavras-chave: Velhice; Mídia; Estudos foucaultianos.

ABSTRACT: *The aim of this article is to demonstrate the relationship between the knowledge produced for old people, the power games that come into operation to ensure a better aging process and the subjectivity of these individuals. The discursive corpus is composed by enunciations about aging in media press, and it was analyzed from Foucault's referential. One realizes the crossing of disciplinary, security and control devices in the manufacture of an elderly subject, businessman of himself.*

Keywords: *Oldness; Media; Foucault's studies.*

Introdução

“Atitudes saudáveis”, “receitas de vitalidade”, “neurônios sarados”, “longa vida”. As enunciações que apresentamos para iniciar este texto são algumas entre as mais diversas que acompanham as reflexões sobre o processo de envelhecimento nos dias de hoje. Pretendemos neste artigo propor uma discussão sobre a forma pela qual a mídia, e aqui, mais especificamente a mídia impressa, apresenta o enunciado de velho-saudável na contemporaneidade. As enunciações citadas ao longo do texto e as que iremos mostrar fazem parte do *corpus* discursivo da pesquisa, tendo sido retiradas dos cadernos Viva Bem e Vida, dos Jornais Diário Popular e Zero Hora, respectivamente. Tais jornais têm ampla circulação no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

A recorrência de enunciações sobre velhice nos dias de hoje parece atrelar-se ao que Bauman (2009) tem apresentado como “vida líquida”. Um jeito de viver que precisa ser atualizado constantemente, que exige das pessoas velocidade e ações que se iniciam e terminam rapidamente, que recomeçam se necessário.

Podemos observar que, numa sociedade líquido-moderna¹, as orientações em relação aos cuidados com a saúde, que são dadas às pessoas ao longo da vida e especialmente reforçadas na terceira idade, entram nessa lógica de atualização, de reinícios, colocando a população em xeque: ou se seguem as normativas para viver mais e melhor ou a longevidade fica bastante distante, quase inalcançável. “A necessidade aqui é correr com todas as forças para permanecer no mesmo lugar, longe da lata de lixo que constitui o destinatário dos retardatários” (Bauman, 2009, p. 9).

Bauman afirma que a vida líquida é uma vida de consumo em que os indivíduos precisam adquirir aquilo que de mais atual, adequado, moderno existe, para que permaneçam convivendo em sociedade. O modo de chegar e viver a velhice nos dias de hoje se aproxima cada vez mais dessa sociedade líquido-moderna. Os velhos buscam e encontram formas de viver mais e melhor. Recorrem aos mais variados produtos, técnicas, fórmulas, com o objetivo de sentirem-se úteis e produtivos no meio em que vivem.

¹ A sociedade líquido-moderna apresentada por Bauman refere-se à época atual em que estamos vivendo. Uma época de fluidez, de incertezas e inseguranças, em que as condições sob as quais agem seus integrantes mudam em um tempo mais curto, mais rápido, do que aquele necessário para a consolidação das regras, dos hábitos e das formas de agir (Bauman, 2009).

[...] Em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo. A vida talvez seja sempre um “viver-para-a-morte”, mas, para os que vivem na líquida sociedade moderna, a perspectiva de “viver-para-o-depósito-de-lixo” pode ser a preocupação mais imediata e consumidora de energia e trabalho (Bauman, 2009, p. 17) [grifos do autor].

Na perspectiva de fugir do “viver-para-o-depósito-de-lixo” é que os indivíduos aceitam e se moldam às condições prescritas por profissionais da saúde, que muitas vezes utilizam a mídia para propiciar as orientações a ser seguidas pela população. O foco em alcançar os indivíduos faz com que a proliferação do discurso da ciência em relação ao envelhecimento esteja presente em diversos espaços para que cada um “escolha” aquilo que irá consumir. Assim, pessoas com mais idade tornam-se consumidores e objetos de consumo, desde que sigam as orientações indicadas por aqueles autorizados a falar, tais como os médicos, os nutricionistas, os fisioterapeutas, etc.

Tomamos os estudos de Michel Foucault, filósofo francês do século XX, para problematizar a constituição dos sujeitos velhos na atualidade, olhando especialmente para a articulação que está posta entre os saberes produzidos para essa população, os jogos de força que entram em operação para garantia de um processo de envelhecimento melhor para o indivíduo e para o Estado e a subjetivação desses indivíduos. Para dar conta dessa articulação é que trazemos um artefato midiático que dialoga com as pessoas no intuito de educá-las para que, ao longo da vida, para si próprias e suas famílias, conheçam formas de desenvolver atitudes capazes de fazê-las viver mais e com qualidade de vida.

As capas dos cadernos de saúde Vida e Viva Bem, no período de 2004 a 2010 reverberam a temática do envelhecimento, trazendo o discurso da geriatria e da gerontologia, ciências estas que produzem conhecimento para que as pessoas cheguem e vivam a fase da velhice de forma mais adequada e tranquila, além de apresentar inúmeras situações e preocupações produzidas hoje através de leis, políticas, programas com direcionamento no cuidado de saúde do ser humano e particularmente nas possibilidades de mantê-lo vivo por mais tempo.

Como mencionamos, estamos trazendo a mídia impressa como uma amostra de material que apresenta os saberes produzidos pelos geriatras e profissionais que estudam e atuam na velhice.

Poderíamos nos utilizar de outros tantos, que cotidianamente são colocados em nossa rotina pessoal e profissional como programas de televisão, blogs, filmes, novelas, livros, programas de rádio, revistas, redes sociais, entre outros que trazem a voz de especialistas e produzem “verdades” que nos interpelam e fazem com que tenhamos algumas escolhas e não outras para conduzir nossa forma de viver.

Entendemos o conceito de verdade a partir do referencial foucaultiano (2005, 2010a), que nos remete à ideia de uma produção discursiva capaz de constituir nossa maneira de ser e agir na atualidade. Para Foucault, a verdade é o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder” (Foucault, 2010, p.13). Não se trava uma luta em defesa da verdade, mas sim interessa a função político-econômica que ela desempenha.

Na correnteza dessa discussão, o autor destaca a relação que ocorre entre a verdade e os sistemas de poder, no sentido de serem responsáveis por sua produção e ainda de dar o apoio necessário, além de estar atrelada aos efeitos de poder especialmente quando estes reproduzem a ou as verdades. Sandra Corazza contribui com essa reflexão ao dizer:

[...] a verdade não é uma coisa a ser descoberta. A verdade não é uma questão de identidade com o “real” ou com a natureza. Fundar, em vez disso, uma epistemologia do verídico: o que conta como verdade ou como verdadeiro? Como se define o que é verdadeiro, quem define e sob que condições? Centrar-se não na verdade, mas nos seus efeitos. Buscar não a verdade, mas as relações de poder que possibilitam sua existência. Destacar não as condições lógicas e empíricas, mas as condições históricas e políticas de produção da verdade. Buscar descrever não a “verdade”, mas os seus regimes (Corazza, 2003, p. 15) [grifos da autora].

Nas reportagens em que estamos analisando os “regimes” de verdade são em sua grande maioria reverberados por profissionais da área da saúde que utilizam pesquisas, vivências e procedimentos para demonstrar os cuidados que devem ser tomados pelo corpo especialmente na terceira idade.

Podemos dizer, observando os estudos de Michel Foucault, que nem todas as pessoas estão aptas para falar: “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.” (Foucault, 2010c, p.37).

Os textos produzidos sobre o envelhecimento entram nesse jogo da legitimidade discursiva e, por isso, são convidados nutricionistas, educadores físicos, fisioterapeutas, médicos, biólogos, terapeutas ocupacionais para utilizar o espaço midiático, nesse caso, os cadernos de saúde para ensinar como as pessoas devem agir no seu dia a dia. É nesse material que percebemos a quantidade de produtos e possibilidades que existe no mercado para o consumo da e na terceira idade. E mais, a quantidade de ofertas que fazem com que o enunciado do velho-saudável seja reproduzido e atualizado constantemente.

Na sequência, apresentamos ao leitor alguns ensinamentos trazidos por Michel Foucault ao longo de sua obra e que nos possibilitam pensar no processo de envelhecimento nos dias de hoje. Observamos, a partir das enunciações presentes nos cadernos de saúde, o sujeito-velho sendo governado por estratégias biopolíticas que, através dos mecanismos de segurança e de controle, moldam a forma de viver de cada um. Olhamos ainda para a produção do velho como um *homo economicus*, ou seja, aquele que produz e, com sua fonte de renda, consome os produtos e serviços necessários para seu dia a dia.

Modos de empresariar-se: saúde e verdade nos cadernos de saúde

O discurso sobre o envelhecimento produzido na contemporaneidade, as políticas públicas de saúde produzidas para cuidar das pessoas, os inúmeros movimentos arquitetônicos de organização das cidades e dos espaços públicos e privados para acolher as pessoas com mais idade, a proliferação de leis e aparatos jurídicos preocupados com a população de velhos, a diminuição dos asilos apenas como “depósito de velhos”, acompanhados do crescimento expressivo de casas para idosos ou locais para que esses indivíduos apenas passem o dia a fim de conviver com outras pessoas e realizar atividades, são alguns dos elementos que constituem o dispositivo da velhice².

² Sobre dispositivo da velhice, ver em: Giusti, Haertel Patricia, Henning, Corrêa Paula. Dispositivo da Velhice: o dito e o não dito na sua fabricação. *In: Argumentum*, Vitória (ES/Brasil), 6(1), jan./jun., 2014, pp. 208-222.

Diariamente essa rede de elementos entra em funcionamento, colocando os sujeitos-velhos numa condição de participantes ativos desse processo.

A mídia, como interlocutor, encarrega-se de produzir e mostrar aos indivíduos todo esse conjunto bastante heterogêneo de situações, capaz de fazer com que pessoas de todas as idades e, especialmente, os mais velhos se convençam de entrar nesse jogo e busquem as alternativas apresentadas como forma de conduzir suas próprias vidas. Diariamente somos interpelados para que façamos um investimento em nosso próprio corpo, para que ao observar as histórias e os exemplos de outros idosos sejamos seduzidos para governar nossa forma de viver.

No Brasil, ao contrário de outros países desenvolvidos, as reflexões sobre o processo de envelhecimento acontecem de forma lenta. Há pouco tempo o país acordou em relação a essa questão e vem deixando o estigma de ser jovem para se constituir em um território com um grande número de pessoas com mais de 60 anos.

A presença de muitos espaços que ainda abrigam os velhos “abandonados” pelas famílias, especialmente aqueles com patologias crônicas e limitantes, a necessidade de leitos hospitalares geriátricos em número expressivo, a formação de cuidadores de idosos, e as políticas assistencialistas direcionadas praticamente ao tratamento mostram que o Brasil ainda é um país pouco evoluído quando pensamos em uma velhice diferenciada, mais própria dos dias de hoje, em que o idoso é preparado para cuidar de si desde cedo, evitando problemas ao atingir idades mais avançadas.

Notamos que os brasileiros com mais de 60 anos estão bastante expostos ao aparecimento de doenças, uma vez que podem ter apresentado, ao longo de sua vida, condições de saúde, lazer, moradia, alimentação, entre outras, não tão adequadas e que acabaram influenciando no acontecimento de alguma patologia. Essa forma de viver tem sido esvaziada por toda uma discussão de saúde em prol de uma modificação, que se deseja, do perfil das pessoas com mais idade. Há uma intensificação nas políticas que atuam na população de velhos, buscando garantir uma melhoria geral nas condições de vida desses indivíduos.

Para acompanhar os avanços que vêm ocorrendo para a população de velhos, especialmente pela produção de pesquisas científicas que visam ao cuidado desses indivíduos, evitando o adoecimento, existe uma proliferação de ações que englobam a coletividade como sistema de aposentadoria, criação dos conselhos de idosos do âmbito municipal e estadual, inserção da temática do envelhecimento quando se planejam as campanhas eleitorais, construção de espaços públicos habilitados para prática de atividade física pelo idoso, criação das universidades para terceira idade e tantas outras que, de uma forma global, são planejadas para que as pessoas cheguem nessa etapa da vida em situação adequada para então usufruírem desse momento.

Essas estratégias que atuam sobre a vida das pessoas são, para Foucault (2008b, 2010b), uma forma de poder que regula e controla a vida social. O biopoder surge em meados do século XVIII fazendo com que ocorra um deslocamento do direito que “faz morrer e deixa viver” – exercido pelo soberano – para se apoiar em um poder que “faz viver e deixa morrer”. Este dispositivo de segurança tem como princípio a preocupação com a vida e o futuro de uma população. Observamos que há um deslocamento a partir do surgimento de novas tecnologias de poder; porém, é preciso que fique claro que não há uma passagem do poder soberano para o disciplinar e do disciplinar para o biopoder. O que ocorre é uma articulação e, especialmente, uma complementação entre essas formas de poder. “A segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina” (Foucault, 2008b, p.14).

[...] podemos usar o termo ‘biopolítica’ para abarcar todas as estratégias específicas e contestações sobre as problematizações da vitalidade humana coletiva, morbidade e mortalidade, sobre as formas de conhecimento, regimes de autoridade e práticas de intervenção que são desejáveis, legítimas e eficazes (Rabinow, & Rose, 2006, p.28).

A nação brasileira, observando a transição epidemiológica que mostra que daqui a alguns anos seremos o sexto país do mundo em número de idosos, tem lançado diversas estratégias biopolíticas para a população de idosos. Como mencionamos, essas ações estão disponíveis para o ser humano e são disseminadas diariamente para que cada um e todos entrem nesse jogo de manutenção da vida.

Para cada uma das proposições feitas pelo Estado, existe uma série de alternativas, de possibilidades que podem ser consumidas pelas pessoas com mais idade, em um primeiro momento, independentemente de sua classe social.

Na esteira das estratégias biopolíticas apresentadas por Michel Foucault, observamos a presença da sociedade de controle pensada por Deleuze (1992). Entendemos a presença dos mecanismos de controle como um realce às tramas de segurança que estamos envolvidos nos dias de hoje. Da mesma forma que estudamos, nas obras foucaultianas, a modificação de uma sociedade disciplinar para uma biopolítica, em Deleuze vemos também uma discussão sobre essa alteração, evidenciando marcas distintas de uma sociedade disciplinar e de uma sociedade de controle. Nas palavras do autor: “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”. (Deleuze, 1992, p. 220).

Assim, quando observamos o referencial deleuziano sobre sociedade de controle, percebemos uma discussão comparativa em busca de novas estratégias, que nos mostram que a sociedade disciplinar, marcada pelos confinamentos, dá espaço a um novo cenário, que aponta, por exemplo, que as fábricas, um local onde os indivíduos eram vigiados na individualidade, são substituídas pelas empresas, que são vistas como uma forma de modular os seres humanos a partir de desafios, metas e conseqüentemente vigiá-los pela quantidade produzida. Ocorre, com isso, uma segmentação na população, classificando-a em determinados públicos.

Os novos dispositivos de poder segmentam a população em faixas etárias, grupos ou identidades, valorizam a competição entre os indivíduos e exaltam a rivalidade como emulação motivadora. Os saberes agora provêm da comunicação e do marketing, além da área de gestão empresarial, direito do consumidor e da genética. Esses novos dispositivos não eliminam, mas articulam, intensificam e transformam os precedentes – disciplinares e biopolíticos de segurança (Tótoro, 2011, p.97).

O excerto acima destaca a articulação que observamos na contemporaneidade quando nos referimos às estratégias que direcionam nossa forma de viver.

Somos diariamente rodeados por mecanismos disciplinares, de segurança e de controle que, associados, governam os indivíduos, a população e a determinados segmentos de públicos. Todos estamos amarrados por essas relações de poder. É preciso explicitar que estamos trazendo à tona a problematização de um autor que, a seu modo, corrobora com Foucault, no sentido de evidenciar que vivemos numa sociedade que utiliza os mecanismos de segurança e de controle para atuar sobre a vida das pessoas.

Apresentaremos a seguir algumas enunciações presentes em nosso *corpus* de análise que trazem à tona a problematização que estamos propondo. O material analisado, como foi mencionado, foi extraído de cadernos de saúde, ambos de publicação semanal presentes em dois jornais de grande circulação regional (Pelotas (RS) e região sul) e estadual (Rio Grande do Sul). O caderno Viva Bem, presente no Jornal Diário Popular apresenta diversas temáticas ligadas à saúde e o bem-estar das pessoas. Normalmente, em suas reportagens, profissionais da área da saúde são chamados para apresentarem soluções para os problemas que afetam o dia a dia dos indivíduos. No caderno Vida, do Jornal Zero Hora, também somos convidados a discutir e conhecer as mais variadas situações que envolvem as condições de saúde e doença nos dias de hoje. Além da fala de profissionais, muitos exemplos de pessoas que viveram e superaram determinada situação são mostradas, e ainda há um espaço dentro do próprio caderno mais comercial que traz oportunidades para que as pessoas consigam ter uma vida mais adequada em termos de cuidados com a saúde.

Recortamos, desses dois cadernos de saúde, as reportagens presentes na capa, por entendermos esta a produção principal daquela semana no referido caderno. Trabalhamos com as capas em um período de sete anos, iniciado em 2004, ano em que a temática do envelhecimento torna-se mais visível pela regulamentação apresentada no Estatuto do Idoso. Neste artigo nos reportamos a algumas capas, que foram selecionadas para dar conta da articulação entre o saber/poder e o assujeitamento da população de velhos na contemporaneidade, explorando os elementos que constituem o dispositivo da velhice. As reportagens apresentam um conjunto de signos que nos mostram os acontecimentos atuais no âmbito do envelhecimento e nos levam a analisá-los a partir de algumas ferramentas presentes no referencial foucaultiano. Vamos a elas então!

Após o banho, a professora aposentada Maria Bocorny, 92 anos, sempre se veste bem, mesmo que seja para passar o dia em casa, o que não ocorre com frequência. Se não está envolvida com o trabalho, está no teatro, assistindo a um espetáculo de música, passeando ou viajando – *hobby* mantido por toda a vida. Há mais de duas décadas, Maria, que mora sozinha, trabalha como voluntária na Pousada da Luz, Lar do Idoso, instituição que ajudou a erguer. É responsável pela contabilidade, por procurar novos sócios e atualizar as doações, entre outras atividades. – Não estou muito contente com a minha cabeça. Tenho esquecido muitos nomes e palavras – diz. Para manter o raciocínio afiado, Maria, que fundou a Organização Mundial de Educação Pré-Primária e o Jardim de Infância Criança Alegre, não dorme antes de ler e faz palavras-cruzadas todos os dias, mas reclama da inclusão de assuntos no passatempo relativos às novelas e ao futebol, temas que não acompanha (Vida, Zero Hora, 28/05/2005, p.4).

No excerto descrito na matéria do caderno Vida, intitulada *Como desfrutar a maturidade*, observamos o depoimento de uma senhora de 92 anos referente às atividades que desenvolve em seu dia a dia. É perceptível o grande número de tarefas que desempenha desde aquelas que envolvem sua produtividade, relacionadas a atividades ocupacionais até as que produzem sua distração e bem-estar. No testemunho observamos na enunciação *Se não está envolvida com o trabalho, está no teatro [...], passeando ou viajando [...]* a recorrência de uma preocupação com seu corpo e sua mente. Um investimento próprio em ações que a colocam em uma condição de disponibilidade para consigo e com outras pessoas.

Nessa mesma matéria o geriatra Valdeci Oliveira Santos Rigolin, professor da Faculdade de Medicina de Marília, em São Paulo, destaca que o segredo *é manter as capacidades que estão boas, reabilitar o que for possível e prevenir o que pode causar danos*. Essa orientação vem ao encontro das práticas que estão sendo realizadas pela senhora que referimos acima. O manter-se ativo, ocupado, com sentimento de utilidade, tem sido as recomendações de maior destaque ofertadas pelos profissionais que trabalham com a velhice.

Encontrar ocupações que satisfaçam os idosos para que eles permaneçam desenvolvendo-as, a fim de garantir suas capacidades, reabilitar algumas funções e prevenir qualquer incômodo é o desafio posto para esse momento.

Em sua obra *Nascimento da Biopolítica* (2008a), Michel Foucault dedica uma aula para discutir o neoliberalismo americano e o europeu, a teoria do capital humano e a redefinição do *homo oeconomicus* como empreendedor de si mesmo. Trazemos alguns aspectos apresentados nessa aula para mostrar como as situações que são produzidas para a velhice, nos dias de hoje, estão diretamente associadas a esse conceito de *homo oeconomicus* e especialmente como somos convidados para cada vez mais nos tornarmos uma empresa, ou seja, investirmos em nós mesmos como fonte de garantia para uma vida melhor.

Ao longo da escrita, Foucault (2008a), apresenta alguns elementos do liberalismo americano, formado no século XVIII, destacando três pontos: o primeiro mostra que o liberalismo foi convocado como princípio fundador e legitimador do Estado; o segundo que teve recorrência nas discussões e opções políticas dos Estados Unidos e o terceiro que o não-liberalismo se apresentou como um corpo estranho na introdução de objetivos socializantes. “O liberalismo, nos Estados Unidos, é toda uma maneira de ser e de pensar. É um tipo de relação entre governantes e governados, muito mais que uma técnica dos governantes em relação aos governados”. (Foucault, 2008a, p.301).

Na sequência, o autor vai demonstrando as características do neoliberalismo como uma arte de governar necessária para que as estratégias biopolíticas entrem em operação e deem conta de uma série de acontecimentos que ocorrem ao longo da vida das populações. Apresenta a teoria do capital humano como um dos elementos da concepção neoliberal americana. Por intermédio dessa discussão, mostra que a economia passa a ser analisada a partir da programação estratégica da atividade dos indivíduos, colocando o trabalhador como um sujeito economicamente ativo. Ressurge o *homo economicus*, com um deslocamento na concepção:

O *homo economicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus* parceiro de troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda [grifos do autor] (Foucault, 2008a, p.311).

Na concepção clássica do *homo economicus* observávamos um homem com necessidade de troca, em que era necessário analisar seu comportamento e sua utilidade para verificar a possibilidade de ser um dos parceiros da troca. A nova configuração desse sujeito apresenta um homem de consumo, aquele que produz, que faz do próprio consumo uma atividade empresarial capaz de produzir sua satisfação. Temos um homem consumidor em alguns momentos e produtor em outros. Essa alteração na concepção do *homo economicus* desencadeia a teoria do capital humano, apresentada nos estudos foucaultianos (2008a) a partir do momento em que se percebe que o salário recebido está atribuído a determinado capital e que esse capital é dependente da produção do indivíduo. Por isso, a denominação de capital humano.

Avançando na discussão de capital humano, é necessário observar sua composição através dos elementos adquiridos e inatos. Esses últimos, em algumas situações, podem também ser denominados de hereditários. Os elementos hereditários representam especialmente a carga genética herdada de nossos antecedentes, e podem ser responsáveis por antecipar as probabilidades de situações de doença que podemos desenvolver.

Em outras palavras, dos interesses atuais da aplicação da genética às populações é possibilitar reconhecer os indivíduos de risco e o tipo de risco que os indivíduos correm ao longo de sua existência. Vocês me dirão: também nesse caso não podemos fazer nada, nossos pais nos fizeram assim. Sim, claro, mas, a partir do momento em que se pode estabelecer quais são os indivíduos de risco e quais são os riscos para que a união de indivíduos de risco produza um indivíduo que terá esta ou aquela característica quanto ao risco de que será portador, pode-se perfeitamente imaginar o seguinte: que os bons equipamentos genéticos – isto é, [os] que poderão produzir indivíduos de baixo risco ou cujo grau de risco não será nocivo, nem para eles, nem para os seus, nem para sociedade -, esses bons equipamentos genéticos vão se tornar certamente uma coisa rara, e na medida em que será uma coisa rara poderão perfeitamente [entrar], e será perfeitamente normal que entrem, em circuitos ou em cálculos econômicos, isto é, em opções alternativas (Foucault, 2008a, p.313).

As palavras de Foucault expostas nessa citação nos provocam a pensar que, mesmo antes do nascimento dos indivíduos, precisamos estar atentos para produzir um bom capital humano genético, aquele que acompanhará os mecanismos disciplinares e de segurança estando permanentemente governados por estes e que terá na sua constituição uma minimização em termos de apresentar determinadas patologias. Além disso, estamos rodeados de estudos que mostram a constituição genética de cada pessoa, aquilo que ela poderá desenvolver ao longo da vida e, ainda, a intensidade e o momento de aparecimento de determinadas patologias. Tudo isso, obviamente, com o intuito de fazer com que cada um busque este conhecimento de si e após procure alternativas capazes de prevenir o que está por vir.

Na reportagem *O futuro em teste* do caderno Vida, do Jornal Zero Hora, de 01 de maio de 2010, é possível acompanhar que estamos vivendo uma revolução quando falamos de diagnosticar precocemente algumas doenças. A matéria discute os avanços apresentados pela ciência após as descobertas do Projeto Genoma Humano, finalizado em 2003, especialmente demonstrando uma maior facilidade de acesso à realização de exames genéticos responsáveis por verificar a propensão a determinadas patologias.

No passado, esses exames chegaram a custar US\$ 20 mil. Agora são oferecidos por US\$ 1 mil. Pela internet, você acessa um dos *sites* que oferecem o teste, paga usando cartão de crédito e recebe pelo correio um *kit* para coleta de DNA. [...] O médico Sérgio Pena, do Gene – Núcleo de Genética Médica em Belo Horizonte, um dos maiores especialistas na área no país decidiu testar um desses serviços oferecidos pela internet. Ele enviou uma amostra à empresa islandesa deCODEme Genetics. Por US\$ 985, o deCODEme realizaria uma avaliação do risco genético para algumas doenças comuns. O *kit* com a coleta do material foi enviado pelo correio. Além de informar sobre a cor dos olhos, grupo sanguíneo, tolerância à lactose e ao álcool, o relatório apontou que o médico tem um risco 1,08 vezes maior do que o da população geral para desenvolver doença renal crônica, 1,4 vezes para obesidade, 1,4 vezes para asma e artrite reumatoide (Vida, Zero Hora, 01/05/2010, p.3).

Ao medir o risco de desenvolver determinadas doenças, acredita-se que seja possível evitá-las ou ao menos minimizá-las.

Este tem sido um dos maiores investimentos da ciência nos últimos tempos. Seja na individualidade, como mostramos no excerto acima, ou em nível populacional mais amplo, temos sido atravessados por solicitações de exames e de orientações que nos conduzem a rotinas de acompanhamento médico, nutricional, de educadores físicos, em prol de um cuidado maior com nossa saúde. Precisamos garantir um capital humano rico em saúde, ativo e produtivo, que na continuidade de sua atividade laboral consiga gerar renda para si e com isso se tornar consumidor daquilo que deseja para viver mais e melhor.

Olhando agora para as reflexões que mostram os elementos adquiridos, que também constituem o capital humano, Foucault (2008a) nos convida a analisar os investimentos educacionais e culturais feitos nas crianças especialmente. As ações e atividades realizadas pelos pais para cuidar dos filhos por um período maior, a bagagem cultural proporcionada, a melhoria das condições relativas à saúde dos indivíduos e a garantia da mobilidade para que os sujeitos possam se qualificar e obter uma melhor renda são considerados investimentos capazes de constituir um capital humano.

Juntos, elementos inatos e adquiridos dão conta de formar um capital humano capaz de qualificar o processo de produção, de inventar e desenvolver tecnologias, de descobrir coisas importantes e com isso gerar inovação. Dessa forma, todo o investimento feito nas pessoas é para que ocupem uma melhor posição e conseqüentemente adquiram uma renda melhor. Essa condição é determinante na orientação de políticas econômicas, sociais, culturais e educacionais que são construídas para que cada vez mais as pessoas, aqui no caso os idosos, consigam usufruir de um cenário de utilidade maior, que proporcione espaços de trabalho, de lazer, de saúde, adequados para essa população.

Talvez para a geração de idosos que existe hoje no Brasil ainda não se tenha grandes efeitos dos estudos genéticos que podem desenvolver o capital humano a partir dos elementos hereditários, mas com certeza para as próximas gerações de velhos muito já se tem discutido e produzido para que, antes mesmo do nascimento, exames e procedimentos sejam possíveis de realizar para que tenhamos uma criança cada vez mais saudável, um adulto bastante ativo e produtivo e conseqüentemente um velho com condições de viver mais e melhor.

É o que se deseja, é o investimento que se faz para que todos conheçam as alternativas propostas pela ciência, em relação especialmente às ações de prevenção de patologias que existem e, sempre que possível, realizem.

Se observarmos a produção do sujeito-velho enquanto constituído por elementos adquiridos, é possível dizer que muito tem se falado e mostrado para que novamente, desde antes do nascimento, todos sejamos conduzidos a reproduzir técnicas e formas que garantam uma vida longe das doenças. E, durante toda a vida, somos direcionados a continuar executando esses cuidados com a saúde. São essas orientações e dicas para eliminação das patologias, ou melhor, para saber conviver com algumas delas, levando uma vida melhor, que também funcionam com objetivo de colocar o sujeito-velho numa condição de capital humano.

Quando retomamos a reportagem apresentada no caderno *Vida, Como desfrutar a maturidade* (Vida, Zero Hora, 28/05/2005), especificamente o excerto analisado em páginas anteriores, fica evidente a presença do velho como um *homo economicus* na aposentada Maria Bocomy, ou seja, o desenvolvimento de um capital humano atrelado a elementos que foram adquiridos e que contribuíram para que esta senhora de 92 anos se mantenha ativa, produtiva e ainda satisfeita com sua rotina de vida. É perceptível ainda o quanto o processo de envelhecimento está sendo gerenciado por uma arte de governar, rodeada de estratégias biopolíticas que transformam os indivíduos em consumidores e objetos de consumo. Temos na atualidade uma série de produtos e oportunidades destinadas aos velhos, para que esses conheçam e, para além disso, comprem e utilizem.

Digital ou analógico? Novos medidores de pressão convivem com aparelhos tradicionais. Não só a medicina alerta contra a hipertensão. O mercado de equipamentos médico-hospitalares também. [...] equipamentos auxiliam o paciente a prevenir da doença que a OMS classifica como a epidemia mundial (atinge 20% da população adulta) foram o grande “xodó” da maior feira do gênero da América Latina – a Feira Hospitalar de São Paulo, realizada em junho, de 14 a 17 (Viva Bem, Diário Popular, 05/07/2005, p.1).

O tempo voa. Em busca de freios para o envelhecimento já se buscou de tudo. [...] para se manter jovem pelo máximo de tempo possível, a fórmula é dieta saudável e exercícios físicos regulares (Vida, Zero Hora, 28/03/2009, p.5).

Aracnobeza – peeling de enzima de aranha rejuvenesce a pele.

O resultado, descreve o especialista, é uma pele mais jovial, hidratada e com muita luminosidade. – Marcelo Bellini – professor da Sociedade Brasileira de Medicina Estética e membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia (Viva Bem, Diário Popular, 30/08/2005, p.1).

As enunciações que apresentamos evidenciam o mercado existente para a população de velhos. Equipamentos de fácil acesso que podem ser manuseados pelo próprio idoso ou seu familiar/cuidador e que possibilitam o monitoramento de uma função orgânica importante no funcionamento do corpo, disponibilidade de alimentos ricos em substâncias importantes para a terceira idade, apresentados das mais variadas formas, para que a população possa escolher aquilo que pode e deseja consumir, academias privadas, com profissionais habilitados no cuidado dos idosos ou academias para terceira idade em praças e parques presentes nos municípios, disponíveis a partir de políticas públicas, além de uma variedade de clínicas, consultórios, estéticas que trazem produtos, técnicas e fórmulas que garantem deixar o corpo mais adequado nessa fase da vida são alguns dos artefatos mostrados pela mídia impressa que acionam os sujeitos-velhos para consumirem e engajarem-se a favor de um envelhecimento saudável. Vale dizer, a favor de uma captura do velho enquanto um empresário de si mesmo.

Ao observar as diferentes modalidades de oferta para a população de idosos presentes nas reportagens citadas, vale destacar que, de uma forma ou de outra, procuram alcançar todas as classes sociais. Obviamente aquelas que possuem uma maior renda dispõem de produtos e recursos de melhor qualidade e que talvez tenham resultados mais rápidos e mais efetivos. Mas o que está em jogo é a oferta de alguma possibilidade para todas as pessoas. É mostrar que o discurso da longevidade está presente independentemente da classe social, gênero, raça etc.

Verifica-se na vertente discursiva neoliberal que as desigualdades dos competidores são o ponto de partida e de chegada. Para gerir tais desigualdades faz-se necessário arbitrar os efeitos conflituosos das disputas através de instituições judiciárias segundo regras previamente fixadas na lei (Tótor, 2011, p.91).

O Estatuto do Idoso tem sido o instrumento jurídico que garante aos indivíduos com mais de 60 anos um acesso mais “igualitário” às condições de saúde, moradia, alimentação, lazer e trabalho. Políticas complementares que aparecem diariamente vão dando sustentação e operacionalizando os direitos contidos no Estatuto. Programas governamentais especialmente na área da saúde destinados às pessoas com mais idade têm sido rotina na atualidade. As residências multiprofissionais em saúde do idoso, as ligas acadêmicas de geriatria, o programa de orientação para o trabalho – PET Saúde do Idoso são alguns exemplos do investimento público em ações que facilitam o acesso daquelas pessoas com menores condições financeiras. O que estamos queremos mostrar é que mesmo o recurso financeiro sendo um facilitar para uma velhice saudável, o Brasil vem se preparando para que todos entrem nessa lógica de investir no próprio corpo. Mesmo que em número reduzido, as atividades estão disponíveis para todos!

Na reportagem de capa do Jornal Zero Hora, *O tempo voa* (Vida, Zero Hora, 28/03/2009), mencionada anteriormente nesse artigo, verificamos a condição financeira sendo apresentada como um dos obstáculos presentes na velhice. *Após a aposentadoria, uma redução no orçamento doméstico pode trazer estresse e escassez de recursos em momentos de doença, por exemplo.* Nessa mesma matéria, porém, é apresentado ao leitor o que se deve fazer entre os 60 e 80 anos e acima de 80 anos. Uma lista de cuidados que inclui orientações para realização de exercícios regulares, de controle de peso, de efetivação de vacinas contra gripe e pneumonia, de estimulação de convívio com amigos e familiares entre outras atividades mostram que é possível que as pessoas desenvolvam práticas sem dispor de um grande investimento financeiro. Basta novamente que cada um deseje seguir as dicas que estão sendo apresentadas nos cadernos de saúde, cuidando de sua saúde, gerenciando seu corpo. E, se segui-las, terão a condição de produzir renda e, conseqüentemente, adquirir com mais facilidade esses serviços.

A quantidade de serviços disponíveis para que cada indivíduo torne-se empresário de si é algo rotineiro em nossas vidas. Não questionamos a importância deles, nem mesmo se devem ou não existir. Nossa problematização se dá em pensar de que modo essa trama discursiva, apresentada na mídia impressa, nos molda, nos interpela e nos constitui como sujeitos velhos – ou em alguns casos, como futuros sujeitos velhos. Que escolhas são feitas na velhice e também ao longo da vida? De que forma somos conduzidos para essas escolhas?

Esses questionamentos estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia. Parece que viver em uma sociedade líquido-moderna de consumidores tem nos tornado atores em busca de uma felicidade fácil, que está ao alcance de todos. “Os consumidores satisfeitos, ocupados em cuidar de seus interesses particulares, vão esplendidamente bem, obrigado...” (Bauman, 2009, p.63).

Outras capas dos cadernos de saúde reforçam essa problemática que estamos apresentando. Muitos serviços são criados para que o capital humano idoso mantenha-se em investimento constante. A informação do aparecimento de novas técnicas que envolvem o envelhecimento são constantemente explicitadas nos veículos de comunicação e fazem com que os indivíduos busquem seus direitos, a fim de garantir o pertencimento nesse mundo, onde todos desejam viver mais e melhor. Citamos algumas dessas capas: *Um presente para você* (Vida, Zero Hora, 24/12/2005), *Beleza e juventude, do sonho à perfeita realidade* (Viva Bem, Diário Popular, 12/03/2008), *Neurônios sarados* (Vida, Zero Hora, 21/04/2007), *Evolução médica ontem hoje* (Vida, Zero Hora, 24/02/2007), *Células-tronco – grupo da UFPel pleiteia laboratório para desenvolver pesquisas* (Viva Bem, Diário Popular, 13/09/2005), *Ginástica para o cérebro* (Vida, Zero Hora, 22/04/2006), *Pele saudável – Previna-se de problemas futuros e saiba como se proteger do sol intenso* (Viva Bem, Diário Popular, 04/01/2005)

Se analisarmos o título das reportagens percebemos o convite que é feito para abrir o caderno de saúde e mergulhar nas orientações e dicas que são trazidas ao longo dos textos. Observar as inovações presentes para a população de velhos nos faz refletir sobre a modificação que tivemos ao longo dos tempos de uma sociedade disciplinar, confinada em espaços como a escola, a fábrica, as casernas, os hospitais para uma sociedade biopolítica, que utiliza mecanismos de segurança associado a mecanismos de controle a partir da proliferação de informações especialmente pelo uso da máquina cibernética e dos computadores. O acesso facilitado a essas informações coloca os indivíduos, especialmente os com mais idade, na condição de buscar o conhecimento sobre os cuidados que devemos ter em relação à saúde e que de uma forma ou de outra devemos segui-los. “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (Deleuze, 1992, p. 224).

Nas capas que citamos existe uma disseminação de elementos que são apresentados todos os dias à população.

O discurso da ciência, especialmente daquelas que se dedicam a pesquisar sobre o envelhecimento, tem se tornado potente e feito com que cada indivíduo, independentemente do local em que trabalha, mora, estuda, realiza suas atividades de lazer, esteja permanentemente em dívida com sua saúde. São milhares de orientações e dicas destinadas ao cuidado com o corpo e com a mente mostradas para que alguma delas, se não for possível todas, seja praticada pelos indivíduos.

Sem o uso adequado de protetores solares, a pele pode ser exposta a inúmeras reações provocadas pela radiação UV, podendo causar eritemia, envelhecimento precoce, manchas, reações alérgicas e em casos mais graves, câncer de pele, que a cada ano vem aumentando significativamente em todo o mundo (Viva Bem, Diário Popular, 04/01/2005, p.1).

Exercícios físicos, atividades culturais e intelectuais e uma dieta equilibrada contribuem para a manutenção de uma mente saudável durante o avanço da idade (Vida, Zero Hora, 22/04/2006, p.5).

Os dois excertos apresentados fazem parte das reportagens *Pele saudável – Previna-se de problemas futuros e saiba como se proteger do sol intenso* (Viva Bem, Diário Popular, 04/01/2005) e *Ginástica para o cérebro* (Vida, Zero Hora, 22/04/2006), respectivamente. O material produzido nessas duas matérias e outros tantos que poderiam ser apresentados aqui apontam a forma pela qual devemos viver. São mecanismos biopolíticos que estão presentes em nosso dia e que, como foi mencionado, agem para governar e nos conduzir à prática de hábitos saudáveis. Somos interpelados para utilizarmos o filtro solar diariamente, com maior intensidade quando estamos expostos por um maior tempo ao sol, para praticarmos algum tipo de atividade física, para frequentarmos lugares agradáveis, culturais, para realizarmos uma alimentação rica em proteínas, fibras, cálcio... Esses são apenas alguns convites que estão intrínsecos na rotina da maioria das pessoas. O discurso é permanente, porque quase não podemos escapar!

A reflexão sobre o homem endividado apresentado por Deleuze (1992) e as considerações que trouxemos até o momento nos remetem a pensar o quanto tem sido feito para que o biopoder continue a operar, para que estratégias sejam modificadas, renovadas e se necessário criadas em prol de manter a população capturada. Podemos retomar o que trouxemos sobre os mecanismos de controle e neste contexto entendê-los como uma forma de reforçar o governo da vida das pessoas. A sociedade de controle pensada por Deleuze, a partir da sociedade de normalização desenvolvida por Foucault, talvez seja uma possibilidade de ampliar o escopo da biopolítica. “São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo” [grifos do autor] (Deleuze, 1992, p.220).

Dessa forma, observamos que a inserção de mecanismos de controle responsáveis por uma vigilância contínua, em meio aberto através de comunicações instantâneas sobre determinados tipos de públicos, são importantes para dar conta dos indivíduos na contemporaneidade. “Talvez seja possível dizer que, enquanto os dispositivos de segurança multiplicam a fabricação de riscos, os dispositivos de controle multiplicam a fabricação de públicos.” (Saraiva, Veiga-Neto, 2009, p.195). Ao olhar para os indivíduos que estamos estudando, podemos pensar em diversos públicos sendo constituídos: o público de idosos que lê jornal, o público de idosos que pratica atividade física, o público de idosos que vai ao *shopping* e assim por diante. Uma multiplicidade de pessoas unidas pelo tempo, que são governadas por relações de poder e que, para continuarem sendo exercidas, precisam se adaptar à forma como vivemos nos dias de hoje.

Podemos falar aqui do noopoder, um desdobramento do poder sobre a vida que segundo Lazzarato (2006) está presente na contemporaneidade, visto a necessidade de estarmos rodeados de mecanismos de controle. O noopoder (idem) tem sido descrito como um novo tipo de poder, extremamente positivo, que é ativado pelo desejo dos mais variados públicos e tem funcionado a partir de exemplos. “O noopoder age sobre as mentes com o objetivo de formar a opinião pública, isto é, o noopoder se exerce pela modulação da memória e da atenção.” (Saraiva, & Veiga-Neto, 2009, p.196). Assim, os dispositivos de segurança e o noopoder, como novos elementos de governamentalidade, entram na lógica de um capitalismo de concentração, para a produção, e de propriedade.

“É um capitalismo de sobre-produção. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações.” (Deleuze, 1992, p.223).

Trazemos agora mais uma série de enunciações que corroboram com as discussões que estamos apresentando, especialmente nesse entrelaçamento de formas de poder e da constituição de um sujeito-velho na contemporaneidade. Os depoimentos fazem parte da reportagem *Asilo da nova década*, presente no Caderno Vida, do Jornal Zero Hora, em 19 de março de 2008. Nessa matéria são apresentadas ao leitor as mudanças no comportamento da terceira idade, trazendo que situações como viver para os netos, dedicar-se aos serviços domésticos e jogar bingo estão dando lugar a novos prazeres como trabalhos voluntários, viagens e novas profissões.

O artesanato como profissão

“A vida toda eu fiz artesanato. Fui professora de artes, inclusive. Não vejo motivos para interromper essa atividade. Eu não consigo me sentir velha para isso. Não me vejo assim. Pinto porcelana, telas, monto chaveiros, enfim. Faço de tudo um pouco. Dou muitas coisas, mas outras eu vendo. É um trabalho que não só me distrai, mas também ajuda a incrementar o meu orçamento. Faço o que gosto e ainda ganho dinheiro. Não posso parar.” Nadir Bruffato, 81 anos, artesã (VIDA, Zero Hora, 19/03/2008, p.3).

Não só escrever, mas publicar poesias

“Eu já escrevi mais de 1,5 mil poesias. Continuo escrevendo todos os dias. O dia que eu não faço isso, parece que estou doente. O meu projeto para esse ano é chegar ao número de 2 mil poesias. Quando atingir essa meta, vou lançar mais um livro, quem sabe na Feira do Livro do próximo ano. Ao todo, já tenho seis livros editados. Para muitos, pode ser um bom número. Mas para mim, ainda é muito pouco.” Arlette Sacramento, 78 anos, poeta (VIDA, Zero Hora, 19/03/2008, p.3).

A idosa que ajuda os idosos

“Com o esforço de toda uma vida, eu consigo viver em uma casa geriátrica bem estruturada, mas não são todos os idosos que têm essa condição.”

Em função disso, realizo um trabalho voluntário há 24 anos no Lar Otília Chaves. Até hoje, não passo uma semana sem ir lá. Participo das comemorações, ajudo a angariar fundos e organizo eventos. É um trabalho que me completa e não me traz nenhum prejuízo, só felicidade!” Ilda Adreani, 84 anos, voluntária do Lar Otília Chaves, asilo localizado em Porto Alegre (RS) (VIDA, Zero Hora, 19/03/2008, p.3).

As declarações trazidas nessa reportagem nos remetem a pensar que essas senhoras fazem parte de um determinado público que disciplinado, conhecedor das estratégias que atuam sobre a vida, investem em seu próprio corpo e mente para garantirem a qualidade de vida no avançar da idade. São exemplos de pessoas que vivem em um lar geriátrico e que utilizam seu tempo como investimento em si próprias. Que buscam alternativas prazerosas no sentido de manterem-se ocupadas e independentes social e financeiramente. Que controlam todos os passos dados em prol da garantia de viver mais. São essas enunciações que chegam à casa de cada um dos leitores dos cadernos de saúde, tentando persuadi-los para que sigam os modelos apresentados. Nesses três exemplos observamos a predominância de atividades simples, de baixo investimento financeiro, capazes de ser reproduzidas por inúmeras pessoas. É claro que não podemos desconectar a possibilidade de que essas senhoras tenham recebido, ao longo da vida, instruções de como chegar à velhice de forma mais adequada, uma vez que hoje apresentam condições de agirem como demonstram. É isso que se deseja, mostrar o sujeito-velho saudável e fazer com que as pessoas reflitam sobre as condutas que o levaram a essa condição.

Na correnteza dessas reflexões e para mostrar a potência que a temática do envelhecimento vem tomando em uma sociedade biopolítica, mostramos uma reportagem, que não está no *corpus* discursivo, mas que corrobora com nossas discussões, produzida no Jornal Zero Hora em 27 de julho de 2012, intitulada *A velhice em boas mãos – Desafio futuro*, que traz a preocupação de alguns pesquisadores sobre o aumento populacional para os próximos anos e a falta de preparo do Brasil para dar conta dessa inversão da pirâmide etária. “*Basta observar para perceber que nossas cidades e equipamentos não apresentam condições adequadas para a circulação de idosos*” – aponta Bibiana Graeff, doutora em Direito e professora de Direitos Humanos

e *Envelhecimento no curso de Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP)*. Nessa mesma matéria destacamos outros dois aspectos. O primeiro em relação a mais um exemplo apresentado na mídia. Uma senhora de 88 anos que mora em um residencial geriátrico, com objetivo de garantir sua privacidade, que pratica pilates duas vezes por semana, que vai ao shopping, caminha nos parques e ainda se comunica por email com seus netos que moram fora do país.

O segundo, a demonstração de duas práticas realizadas em outros países que possibilitam uma melhoria de vida na velhice: o serviço de *Day Care*, presente na rotina de americanos e japoneses, cuja proposta está em disponibilizar espaços com atividades, cuidado e atenção para que os idosos possam passar o dia enquanto seu familiar está trabalhando; e os Condomínios para idosos, uma proposta do governo canadense, de acesso facilitado financeiramente, para que os mais velhos possam morar em um local com supervisão médica e ainda desfrutar de atividades de lazer.

Os diversos signos emitidos nessa reportagem nos remetem a questionar em que cenário cada um de nós está vivendo, especialmente quando planejamos nossa velhice. O quanto o Brasil carece de avanços para que possamos ter mais idosos ativos e produtivos, com condições de gerar renda. Ainda pensar se as estratégias de segurança atreladas aos mecanismos de controle apresentados por Deleuze têm sido suficientes para captura dos mais variados públicos de idosos. Essas e outras questões nos deixam inquietas. O que temos certeza é o que o enunciado do velho-saudável vem sendo constantemente produzido através da mídia e que, independentemente do local onde estamos e da classe social a que pertencemos, somos convidados a consumir e agir de forma correta com o nosso corpo e nossa mente, para que seja possível envelhecer de forma adequada, com qualidade de vida.

Talvez possamos pensar que o Brasil se constituirá ainda, por um tempo, de uma população de velhos dispendiosos, que precisarão de investimentos do Estado que os coloquem em condições de uma vida mais longa e que a formação de públicos, como a senhora de 88 anos que foi entrevistada na reportagem que acabamos de apresentar, seja uma construção possível a partir da permanente visibilidade do discurso produzido pela ciência que estuda o envelhecimento. Talvez a modulação do cérebro no sentido de reproduzirem aquilo que será bom para si próprio seja nesse momento para um público pequeno, que possui condições de consumir os melhores serviços para essa faixa etária.

Talvez isso pouco importe, pois hoje somos preparados para buscar as alternativas que estão sendo oferecidas, mesmo que estas não estejam ao alcance de todos, o que está em jogo é que todo o sujeito-velho a seu tempo seja um empresário de si. O caminho está dado e o que sabemos é que novas e outras estratégias surgirão para que, quem sabe, de forma mais acelerada, tenhamos a população de idosos ativos, produtivos, saudáveis.

Considerações finais

As reportagens de capa sobre velhice presentes nos cadernos Vida e Viva Bem parece que deram conta de mostrar como a mídia tem sido potente nas discussões sobre a constituição do sujeito-velho em uma sociedade denominada líquido-moderna. Os saberes produzidos pela geriatria e pela gerontologia são apresentados nas páginas desse artefato midiático em um formato de guia para que as mais variadas pessoas possam entendê-lo e tomarem como objetos em sua vida. Por se tratarem de dicas oriundas de profissionais que dedicam seu tempo no estudo do envelhecimento, são frequentemente aceitas e atendidas, fazendo com que cada um de nós se transforme em um empreendedor de si. Os cuidados com a saúde ficam na responsabilidade do sujeito que é “livre” para suas escolhas. O investimento feito por cada um talvez seja a garantia de uma vida mais prolongada.

As enunciações também conseguiram nos fazer refletir sobre os jogos de força que estão presentes nessa fase da vida. Os dispositivos disciplinares, de segurança e de controle encontram-se articulados na composição do velho-saudável. Ao trazer o discurso das ciências que estudam o envelhecimento, as reportagens apontam fortemente para formas de ser e viver a velhice nos dias de hoje. A biopolítica como uma estratégia de poder está presente em todos os momentos, reforçando a ideia de que o cuidado com a saúde deve ser permanente, acontecendo desde cedo, desde o nascimento.

O sujeito-velho como *homo economicus* também se faz presente nas matérias produzidas nos cadernos de saúde. Observamos um crescente investimento dos indivíduos sobre seus corpos. Os sujeitos entram, aceitam e assumem esse jogo do viver

mais. Consomem o que podem e o que não podem em busca de alternativas que os mantenham bem e vivos.

Nessa lógica percebemos que os mecanismos de controle reforçam os de segurança e criam outras estratégias biopolíticas que são fundamentais para o funcionamento das sociedades contemporâneas. Os aparatos tecnológicos para o desenvolvimento dos indivíduos vão surgindo e colocam o velho na condição de ser espelho daqueles que chegam à velhice em bom estado mental e físico.

Parece-nos, então, que mesmo com uma possível escassez de brasileiros que podem consumir o que está posto como mais atual e adequado para alcançar a longevidade, faz-se necessário caminhar na direção de um público de idosos, em que cada ação individual reflete na constituição do sujeito-velho desejado, aquele que faz suas escolhas, seus investimentos pensando em seu próprio bem-estar. Aquele que deixa a condição de dispendioso, e se une aos demais, a partir do entrelaçamento proporcionado pelos mecanismos disciplinares e de segurança que vão pouco a pouco, por meio de investimentos próprios e do Estado, moldando a forma pela qual cada idoso deve conduzir sua rotina pessoal, profissional e de lazer.

O que nos resta aqui é reforçar nossos questionamentos sobre todos esses mecanismos que são produzidos em prol de um processo de envelhecimento que almeja o viver mais e melhor. Olhar para as enunciações que nos foram apresentadas e pensar o quanto essas estão presentes em nosso dia a dia, o quanto direcionam nossas escolhas em buscar serviços para o constante cuidado com o corpo e ainda, o quanto fizemos em prol de não correr o risco de escapar do dispositivo da velhice. Para nós não resta dúvida: somos subjetivados e tramados por este potente dispositivo que nos captura, ensinando modos de ser e viver a velhice no cenário contemporâneo.

Referências

A VELHICE em boas mãos – desafio futuro, Zero Hora, Porto Alegre (RS), 27 jul, 2012, *Vida*, 01-08.

ARACNOBELEZA – peeling de enzimas de aranha rejuvenesce a pele, Diário Popular, Pelotas (RS), 30 ago, 2005, *Viva Bem*, 01-01.

ASILO da nova década, Zero Hora, Porto Alegre (RS), 19 mar, 2008, *Vida*, 01-08.

Bauman, Z. (2009). *Vida Líquida*. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.

BELEZA e juventude, do sonho à perfeita realidade, Diário Popular, Pelotas, 12 mar, 2008, *Viva Bem*, 01-02.

CÉLULAS-TRONCO – grupo da UFPel pleiteia laboratório para desenvolver pesquisas, Diário Popular, Pelotas, 13 set, 2005, *Viva Bem*, 01-01.

COMO desfrutar a maturidade. Zero Hora, Porto Alegre, 28 mai, 2005, *Vida*, 01-08.

Corazza, S., & Tadeu, T. (2003). *Composições*. Belo Horizonte (MG): Autêntica.

Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro (RJ): Trinta e Quatro.

DIGITAL ou analógico? Novos medidores de pressão convivem com aparelhos tradicionais. Diário Popular, Pelotas, 05 jul, 2005, *Viva Bem*, 01-01.

EVOLUÇÃO médica ontem hoje, Zero Hora, Porto Alegre (rs), 24 fev, 2007, *Vida*, 01-08.

Foucault, M. (2005). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro (rj): NAU.

_____. (2008a). *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo (SP): Martins Fontes.

_____. (2008b). *Segurança, Território e População*. São Paulo (SP): Martins Fontes.

_____. (2010a). *Microfísica do poder*. (28^a ed.). Rio de Janeiro (RJ): Graal.

_____. (2010b). *Em Defesa da Sociedade*. (2^a ed.). São Paulo (SP): Editora WMF Martins Fontes.

_____. (2010c). *A ordem do discurso*. (20^a ed.). São Paulo (SP): Edições Loyola.

Lazzarato, M. (2006). *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.

GINÁSTICA para o cérebro, Zero Hora, Porto Alegre, 22 abr, 2006, *Vida*, 01-08.

Giusti, H.P., & Henning, C.P. (2014, jan./jun.). Dispositivo da Velhice: o dito e o não dito na sua fabricação. *In: Argumentum*, Vitória (ES/Brasil), 6(10), 208-222.

NEURÔNIOS sarados, Zero Hora, Porto Alegre (RS), 21 abr, 2007, *Vida*, 01-08.

O FUTURO em teste. Zero Hora, Porto Alegre (RS), 01 mai, 2010, *Vida*, 01-08.

O TEMPO voa. Zero Hora, Porto Alegre (RS), 28 mar, 2009, *Vida*, 01-08.

PELE saudável – Previna-se de problemas futuros e saiba como se proteger do sol intenso, Diário Popular, Pelotas, 04 jan, 2005, *Viva Bem*, 01-01.

Rabinow, P., & Rose, N. (2006, abr.). O conceito de Biopoder hoje. *In: Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais*, 24, 27-57.

Saraiva, K., & Veiga-Neto, A. (2009, mar./ago.). Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. *In: Educação e Realidade*, 34(2), 187-201.

Tótor, S.M.C. (2011). Foucault: biopolítica e governamentalidade neoliberal. *In: Revista de Estudos Universitários*, 37, 81-100.

UM PRESENTE para você, Zero Hora, Porto Alegre (RS), 24 dez, 2005, *Vida*, 01-08.

Recebido em 20/05/2015

Aceito em 20/06/2015

Patricia Haertel Giusti - Fisioterapeuta. Mestre em Saúde e Comportamento. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande. Professora da Universidade Católica de Pelotas (RS) - UCPel.

E-mail: phgiustia@gmail.com

Paula Corrêa Henning - Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

E-mail: paula.c.henning@gmail.com